

PERFORMANCE E IMAGINAÇÃO CRIATIVA: O LATAIF SUFI

Giselle Guilhon Antunes Camargo

Universidade Federal do Pará – UFPA

Sufismo, *Lataif*, performance.

A ativação dos órgãos sutis da percepção (*lataif*¹) é uma parte da metodologia sufi análoga ao sistema yogui dos *chakras* e, muitas vezes, confundida com ele. Existem, porém, diferenças importantes. No yoga, os *chakras* ou *padmas* são concebidos como centros fisicamente localizados no corpo, ligados por nervos invisíveis ou canais. Para os sufis, tais centros não passam de pontos de concentração, formulações convenientes cuja ativação faz parte de uma hipótese teórica de trabalho.

Essas regiões correspondem, no Sufismo², aos sete órgãos sutis da fisiologia mística, cada um possuindo uma luz colorida específica e representando, no microcosmo humano, o atributo de um dos Profetas:

A semente do Sufismo
foi semeada no tempo de Adão
germinou no tempo de Noé
brotou no tempo de Abraão
fez-se árvore no tempo de Moisés
deu frutos no tempo de Jesus
e produziu vinho puro no tempo de Maomé.”³

A mais clássica descrição da fisiologia dos sete órgãos sutis ou sete sentidos esotéricos que se pode encontrar na literatura sufi é o *Tafsir* (literalmente, “exegese”), escrita por Najmuddin Razi (?-1256), discípulo direto de Najmuddin Kubra (1145-1221), eminente mestre sufi da Ásia Central. Sua obra ficou inacabada e foi continuada por Alaoddawleh Semnani (1261-1336), *Sheikh* pertencente a uma nobre família de Semnan, cidade situada a uns 200 km a leste de Teheran.

O projeto de Semnani pretendeu realizar uma hermenêutica integral dos sete órgãos sutis de percepção do homem, articulando a fisiologia das cores (fisiologia do homem de luz) das *latifa*[s] com a exegese espiritual do Alcorão:

Cada vez que no Livro escutares as palavras dirigidas a Adão, escute-as através do órgão de teu corpo sutil (...). Medita naquilo que o simboliza e tem a certeza de que o esotérico do discurso se relaciona contigo, como discurso que concerne ao mundo da alma [tempo vertical], assim como o

exotérico do discurso se relaciona contigo no que concerne aos horizontes [tempo horizontal] (...). Só então te será possível aplicar-te a ti mesmo o ensinamento do Verbo divino, e colhê-lo como um ramo carregado de flores que acabam de abrir-se. (SEMNIANI *apud* CORBIN, 1971: 137)

De acordo com o filósofo Henry Corbin (1971), os fundamentos e a prática dessa hermenêutica espiritual ou esotérica encontram-se no *Hikmat al-Ishraq (A Sabedoria das Luzes)* de Shihabuddin Yahya Suhrawardi, do Irã, também conhecido como Mestre das Luzes (*Sheik al-Ishraq*), que não devemos confundir com o não menos célebre mestre sufi, Shahabuddin Suhrawardi (1145-1235), de Bagdá.

A lei das correspondências que regula essa hermenêutica, e que não é outra senão a de toda hermenêutica espiritual, pode, segundo Corbin (1994), ser assim enunciada: há uma analogia entre os acontecimentos que transcorrem no mundo exterior e os acontecimentos interiores da alma; há uma analogia entre o que Semnani chama de *zaman afaqi* (tempo horizontal) e *zaman anfosi* (tempo psíquico ou tempo da alma), que rege os céus interiores.

Essas regiões correspondem, sucessivamente, aos sete órgãos sutis da fisiologia mística, cada um dos quais, em virtude da analogia dos tempos, sendo a tipificação de um Profeta e evocando, desse modo, sua imagem e seu papel. Cada um caracterizando-se por uma luz colorida que o místico, em estado de contemplação, pode visualizar, e a qual deve aprender a prestar atenção, pois lhe informa, segundo a mística sufi, sobre seu próprio estado espiritual. São eles:

1. *Latifa Qalabiya* (*qalab* significa literalmente “molde”): corresponde ao “órgão corporal sutil” ou simplesmente “corpo sutil” (*jism muktasab*); diferentemente do corpo humano físico, está constituído de influxos que emanam da “Esfera das esferas”, sem a mediação dos planetas ou dos elementos. Não pode começar a formar-se sem que o corpo físico esteja terminado, mas é constituído de matéria bem menos densa que a corpórea; apresentando a forma do corpo, mas em estado sutil, é de certo modo, o molde embrionário do corpo novo. Por isso a fisiologia mística o designa, simbolicamente, “o Adão do teu ser”. Cor: negro ou cinza.

2. *Latifa Nafsiya* (alma): esse órgão está no nível que corresponde à alma, não a alma que é a sede das operações espirituais, mas das operações vitais e orgânicas, o *anima sensibilis, vitalis*, e que é o “centro dos desejos e das paixões” (*nafs-i-ammara*). O nível que lhe corresponde no plano sutil é o do lugar espiritual de provas; quem desperta esse “sentido interno” está, simbolicamente, na mesma

situação que Noé, afrontando a hostilidade do seu povo. Uma vez transcendidos os desejos, esse órgão sutil passa a ser designado “o Noé do teu ser”. Cor: azul.

3. *Latifa Qalbiya* (coração/mente): localizado no lado esquerdo do corpo, no lugar do coração físico, esse sentido interno ou “coração sutil” (*qalb*) é a sede dos sentimentos e do conhecimento, sinônimo do espírito interior do Intelecto. Quando adormecido pelo efeito do *ghaflah* (velamento psico-físico), torna-se dominado pelas paixões e pela ignorância. Sua purificação é parte do Caminho Sufi, e conduz, quando o espírito triunfa sobre as tendências negativas da alma, ao desvelamento do “olho do coração” (*ayin al-qalb*). Esse é o centro no qual se forma o embrião (como uma pérola em sua concha) de uma “progenitura mística” que se tornará, quando desvelada, o “verdadeiro eu” do indivíduo (*latifa ana'iyā*). A alusão a esse “eu espiritual”, que será o filho concebido no coração do místico, nos faz compreender porque o centro sutil do coração é “o Abraão do teu ser”. Cor: vermelho, rosa ou roxo. (Embora Idries Shah afirme em *Os Sufis* que a cor dessa *latifa* é o amarelo.)

4. *Latifa Sirria* (eu/consciência): localizado no plexo solar, abaixo do umbigo, esse sentido interno é composto de um complexo de “eus” (*nafs'*), e corresponde à personalidade do indivíduo. Rigorosamente, não é uma *latifa*. Esse órgão sutil se refere ao centro que é designado tecnicamente pelo termo *sirr*, o secreto, o umbral da supra-consciência. É o lugar e o órgão do colóquio íntimo, da entrevista secreta, do “salmo confidencial” (*monajat*); é “o Moisés do teu ser”. Cor: branco.

5. *Latifa Ruhiya* (espírito): localizado no lado direito do corpo, oposto ao lado do coração, esse órgão sutil se refere ao centro designado tecnicamente de *ruh*. Esse é o lugar da vice-regência divina, sendo por isso chamado de “o Davi do teu ser”. Cor: amarelo. (Embora Idries Shah afirme em *Os Sufis* que a cor dessa *latifa* varia entre o rosa e o vermelho)

6. *Latifa Khafiya* (misterioso/intuição): localizado na testa, esse órgão sutil se refere ao centro que se pode designar pelo termo latino *arcanum* (*khafi*). Através desse sentido interno se recebe a assistência e a inspiração do Espírito Santo; na hierarquia dos estados espirituais, marca o acesso ao estado de *naibi*, profeta. É “o Jesus do teu ser”. Ele é o que indica aos demais centros sutis qual será a próxima faculdade a ser despertada, pois é a cabeça e o nome que anuncia “o selo do teu ser”, do mesmo modo que, segundo o texto corânico, Jesus, como penúltimo Profeta, foi o anunciador do último. Cor: negro luminoso (*aswad nurani*).

7. *Latifa Haqiya* (secreto/percepção profunda da consciência) (*ikhfa*): localizado no centro do peito, exatamente entre as posições do coração (*qalb*) e do espírito (*ruh*), a sétima sutileza só é acessível aos que desenvolveram as outras, pertencendo ao verdadeiro sábio, repositório e transmissor do ensinamento. Refere-se ao centro divino do teu ser, ao “selo eterno da tua pessoa”. É o “Muhammad do teu ser”. Esse centro sutil divino é o que oculta a “rara pérola muhammadiana”, isto é, o órgão sutil que é o “Verdadeiro Eu” e cujo embrião começa a se formar no centro sutil do coração, no “Abraão do teu ser”. Cor: verde.

Cabe ressaltar, entretanto, que na classificação do mestre sufi contemporâneo Idries Shah (1977), em *Os Sufis*, as *latifa[s]* começam a ser enumeradas a partir da *Latifa Nafsiya*, e seu escalonamento não acaba na *Latifa Haqqiya*, como em Semnani, mas sim num último sentido interno – “profundamente oculto” – localizado na cabeça, na região do cérebro.

A suprema *latifa* do corpo sutil, na classificação de Semnani, é conhecida, ainda, como o “Loto do Limite”, o lugar onde o Profeta viu o Anjo Gabriel, sendo, por essa razão, também chamada de *latifa jabra’elia* (“Anjo Gabriel do teu ser”). Por isso, a exaltação da cor verde, anunciadora da suprema estação mística, numa clara alusão à paisagem verde que o Profeta viu recobrando o horizonte do céu em sua primeira visão do Anjo.

Se a ativação dos sentidos internos (*lataif*) se dá através de um processo de interiorização crescente, então as percepções supra-sensíveis das cores em estado puro são, também, resultantes de uma atividade interior do indivíduo e não o simples efeito de impressões passivamente recebidas de um objeto exterior. É por essa razão, dentre outras, que não se pode falar do processo criativo inerente às práticas mentais-corporais do Sufismo do mesmo modo que sealaria de um processo criativo artístico. E eu não estou querendo dizer, com isso, que a criação artística seja um processo que só possa acontecer a partir de um estímulo externo. Não! O que estou, simplesmente, querendo dizer é que a “criação” resultante da “*performance* imaginada” é de ordem distinta da *performance* condicionada pela “imaginação criativa”.

¹Notas

Lataif: corresponde, em árabe, ao plural de *latifa*: órgão incipiente da percepção espiritual; lugar de pureza; local de iluminação; centro de realidade; centro onde a *baraka* (graça divina) se manifesta. De acordo com a filosofia sufi, quando ativados, esses centros sutis desenvolvem no indivíduo qualidades como: bondade, suavidade, dádiva ou favor e delicadeza. A irradiação dessas sutilezas recebe o nome de *tadjali*.

² Sufismo: a via mística do Islã; caminho de auto-conhecimento através do qual o “buscador”, sob a orientação de um mestre vivo, aprende a se desvencilhar de seus condicionamentos, adquirindo, pouco a pouco, uma percepção mais objetiva da realidade.

³ Poema atribuído à Shahabuddin Suhrawardi (1145-1235). Se existe algum manual dervixe clássico é o seu *Awarifu-I-Ma'arif* (“Dádivas do Conhecimento Profundo”), escrito no século XIII e estudado por membros de todas as ordens sufis.

⁴ Os sete homens (*nafs*) ou os graus na transmutação da consciência (processo de morte e renascimento), são, mítica sufi, assim denominados: *nafs-i-ammara* (o voraz); *nafs-i-lawwama* (o acusador); *nafs-i-mulhama* (o inspirado); *nafs-i-mutmainna* (o sereno); *nafs-i-radyya* (o realizado); *nafs-i-mardiyya* (o que realiza); e *nafs-Ī-naffiyya wa kamila* (o purificado e completo). Embora façam parte do complexo de “eus” da *latifa Sirria*, cada um deles, isoladamente, se relaciona com uma das *latifas*. (Cf. Idries Shah, 1977)

Bibliografia Consultada

- BARBA, E. *A Arte Secreta do Ator: Dicionário de Antropologia teatral*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1995.
CORBIN, H. *L'Homme de Lumière dans le Soufism Iranien*. Saint-Vincent-sur-Jabron: Éditions Présence, 1971.
SHAH, Idries. *Os Sufis*. São Paulo: Cultrix, 1977.